

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM EDITORAÇÃO**

DEBORAH QUINTAL VIEIRA

**O SACI COMO FIGURA FOLCLÓRICA
POR MONTEIRO LOBATO E CÂMARA CASCUDO**

SÃO PAULO/SP

2008

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM EDITORAÇÃO**

DEBORAH QUINTAL VIEIRA

**O SACI COMO FIGURA FOLCLÓRICA
POR MONTEIRO LOBATO E CÂMARA CASCUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência obrigatória para a obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na área de Comunicação, sob orientação da profa. dra. Alice Mitika Koshiyama

SÃO PAULO/SP

2008

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que acreditam que é possível fazer um país com homens e livros.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao coordenador do curso de Comunicação Social com habilitação em Editoração prof. Dr. José Coelho Sobrinho, à profa. Dra Alice Mitika Koshiyama, à Sociedade dos Observadores de Saci – SoSaci e a todos que direta ou indiretamente contribuíram e acreditaram na legitimidade desta pesquisa.

“Deus é muito sério, é muito arrogante, é muito mandão. A gente tem que fazer tudo o que ele manda, tudo o que ele quer. Então precisa de um derivativo mais amável, mais amável, mais benigno. E o saci é esse derivativo. Todos esses duendes menores, esses duendes que não tem o que fazer, que ficam aí fazendo arte, eles servem para deixar a vida assim um ‘encantatório’. A vida tem que ser encantada. Quem não tem imaginação para sonhar coisas, sonha com saci. Então é o mito do encanto.”

Ruth Guimarães Botelho, em entrevista para o filme Somos todos Sacys.

RESUMO

Este trabalho investiga as duas concepções da figura folclórica Sacy presentes em diferentes regiões brasileiras a partir de sua origem e definições. Analisa qual das concepções o escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato utiliza em sua obra, as causas prováveis desta escolha e qual complementação Luís da Câmara Cascudo dá ao inquérito feito por Lobato. Compara também as edições feitas por Monteiro Lobato (1917) com a feita pela Editora Globo (2008) do livro *Sacy perêrê: resultado de um inquérito*.

Palavras-chave: editoração; folclore; M. Lobato; L.C. Cascudo; Sacy; Sacy.

ABSTRACT

This work investigates the two conceptions of the folkloric character Sacy showed in different Brazilian regions on its origin and definitions. It analyses which of the two conceptions the Brazilian writer José Bento Monteiro Lobato uses in his literary work and the probable causes of his choice and which contribution Luís da Câmara Cascudo gives to Lobato's inquiry. It compares the Monteiro Lobato's edition and the Globo Publisher's edition of the book *Sacy perêrê: resultado de um inquérito* (Sacy perere: inquiry's result).

Key Words: publishing; folklore; M.Lobato; L.C. Cascudo; Sacy, Sacy.

SUMÁRIO

1. Introdução

2. Folclore

2.1 Definição

2.2 Mito e lenda

2.3 O folclore brasileiro

3. O Saci

3.1 Definição

3.2 Origem

3.3 Tipos

3.3.1 Saci-ave

3.3.2 Saci-moleque

4. Monteiro Lobato

4.1 Biografia

4.2 O Saci de Monteiro Lobato

5. O inquérito sobre o Saci

5.1 Como surge a idéia

5.2 Mitologia brasílica

5.3 “7 de setembro estético”

5.4 O resultado

6. O livro

6.1 A reunião com comentários

6.2 Os comentários de Lobato

6.3 Os comentaristas

6.4 Os artistas

7. A reedição da Editora Globo

8. A contemporaneidade do tema

9. Conclusão

10. Bibliografia

1. INTRODUÇÃO

O que se pretende mostrar com este trabalho é a concepção de Saci utilizada pelo escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato. Para tanto, foi necessária pesquisa sobre a origem e definição de dois tipos de Sacis existentes em território nacional. Visto como único personagem genuinamente nacional, possui diferentes características conforme região analisada. O Saci de Lobato foi definido através de seus comentários feitos no livro *Sacy-pererê: resultado de um inquérito*, do personagem Tio Barnabé no livro *O Saci e n'A barca de Gleyre*. A importância da pesquisa é o resgate da cultura e folclores nacionais. Faz também um paralelo com as concepções de Saci de Luís da Câmara Cascudo no livro *Geografia dos mitos brasileiros*, mostrando a complementaridade da pesquisa sobre o personagem Saci.

2. Folclore

2.1 Definição

No dia 22 de agosto de 1846, em Londres, o arqueólogo William John Thoms propôs ao jornal *The Atheneum* que unisse os vocábulos da língua inglesa *folk* (povo) e *lore* (saber) para designar os saberes tradicionais de um povo.¹ Este termo passou a ser utilizado para referir às tradições, costumes e superstições das classes populares. Posteriormente, o termo passa a designar toda a cultura

¹ Biblioteca Educação e Cultura. *Carta ao folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Mec/Fename, 1951.

nascida propriamente nestas classes, dando ao folclore o status de história não escrita de um povo.

À medida que a ciência e a tecnologia se desenvolveram, todas essas tradições passaram a ser consideradas frutos da ignorância popular. Entretanto, o estudo do folclore é fundamental para caracterizar a formação cultural de um povo e seu passado, além de detectar a cultura popular vigente.

No século XIX, a pesquisa folclórica se espalha por toda a Europa, com a conscientização de que a cultura popular poderia desaparecer devido ao modo de vida urbana. O folclore passa então a ser usado como principal elemento nas obras artísticas, despertando o sentimento nacionalista nos povos.

Tradição, oralidade, anonimato, funcionalidade, aceitação coletiva e espontaneidade são características que definem um fato folclórico. Abre-se assim um vasto campo de pesquisa a partir do variado acervo do conhecimento popular. Esse acervo compreende músicas, danças, usos e costumes, artesanato, credences, superstições, festas, jogos, lendas, religiosidade, brincadeiras infantis, provérbios, mitos, adivinhações e outras atividades culturais que nasceram e se desenvolveram com o povo.²

Resumindo, folclore é um conjunto de mitos e lendas transmitidos oralmente através das gerações com a finalidade de ensinar algo ou meramente nascido da imaginação do povo.

2.2 Lenda e mito

Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. De caráter fantástico ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealis que são meramente produtos da imaginação aventureira humana. Fornecem explicações plausíveis e até certo ponto aceitáveis para coisas que não são cientificamente comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Diferenciam-se dos mitos porque estes não sofrem alterações à medida que vão sendo recontados.³

Já mito é uma narrativa tradicional com caráter explicativo e/ou simbólico, profundamente relacionado com uma dada cultura e/ou religião. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do mundo e do homem por meio de deuses, semideuses e heróis (criaturas sobrenaturais). O mito é uma primeira tentativa de explicar a realidade.

O termo "mito" é, por vezes, utilizado de forma pejorativa para se referir às crenças comuns (consideradas sem fundamento objetivo ou científico, e vistas apenas como histórias de um universo puramente maravilhoso) de diversas comunidades. No entanto, até acontecimentos históricos podem se transformar em mitos, se adquirirem uma determinada carga simbólica para uma dada cultura.⁴

2.3 O folclore brasileiro

² Cláudia Lima. *História do folclore*. Secretaria de turismo, 1997.

³ Luis da Câmara Cascudo. *Lendas brasileiras*. São Paulo: Global Editora, 2001.

⁴ Georges Dumézil. *Do mito ao romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

O Brasil, por suas dimensões continentais, apresenta um folclore rico e diversificado, onde há diferença em intensidade das influências dos povos formadores. Por outro lado, cada região possui seu gênero de vida de acordo com o meio ambiente, o que influi, também, no folclore brasileiro.

Algumas das histórias vieram com os povos que nos colonizaram, como os portugueses e os africanos. Outras nasceram com os índios. Outras foram importadas de países europeus e nórdicos.

O folclore brasileiro é rico em personagens mágicos. Esses seres que habitam o mundo dos mitos e lendas geralmente são associados com a natureza.

A literatura popular folclórica é uma das inúmeras manifestações desse folclore. Dentro dela encontramos poesia, história, fábulas, lendas, mitos, romances, parlendas, adivinhas, anedotas, provérbios, orações, pregões e literaturas de cordel.

Dentro das lendas e mitos, encontramos um personagem pitoresco: O Saci, personagem mais conhecido do folclore brasileiro.

3. O Saci

3.1 Definição

O Saci é mito e lenda. Mito pois, como personagem, é item de explicação de fenômenos e da realidade e cultura sócio-cultural brasileira e possui poucas modificações com relação à sua forma física. Lenda pois suas histórias de

criação, nascimento e aventuras são passadas de geração em geração pela oralidade.

A função deste mito é o controle, sabedoria e manuseio de tudo o que está relacionado à plantas medicinais, como guardião de sabedorias e técnicas de preparo e uso de chás e outros medicamentos feitos a partir de plantas.

A palavra é de origem tupi-guarani, desdobramento de *Çaa Cy Pererég*, “olho mau saltitante”.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o Saci é uma “entidade fantástica, negrinho de uma perna só, que fuma cachimbo e usa um barretinho vermelho, fonte de seus poderes de magia e que, segundo a crença popular, diverte-se espantando o gado e espavorindo os viajantes nos caminhos solitários, com seus longos assobios no meio da noite; saci-cererê, saci-pererê”.

Na realidade, o Saci é mais do que esta definição.

Segundo Câmara Cascudo, em seu livro *Geografia dos mitos brasileiros*, “o Saci está em todo Sul do Brasil e nas republicas vizinhas. (...) Nós conhecemos uma ave e um negrinho ágil, com uma perna só, nuzinho, de carapuça vermelha, amando assombrar o povo, correr a cavalo e desmanchar a alegria de quem encontra, ambos chamados Saci”

3.2 Origem

Como veio de regiões outrora povoada pelos Tupi-Guarani, coincide sua jornada sul-norte com o roteiro das migrações tupis, sendo o Saci criado e trazido por eles.

Apesar dos antigos cronistas do Brasil colonial não terem registrado sua presença até o fim do século XVIII, provavelmente pelo mito não estar popularizado, o Saci surge no sul pelo eixo Paraguai-Paraná, justamente a zona indicada como tendo sido o centro de dispersão dos Tupis-Guaranis.

Em subida para o norte, o Saci foi assimilando elementos brasileiros pertencentes a outros personagens, como o Curupira, ao Caapora, confundindo-se até com Mati-taperê. As influências sul-americanas vieram de deuses argentinos, paraguaios, mexicanos e guatemaltecos. Teve também influências européias, como portuguesas, francesas e nórdicas.

3.3 Tipos

3.3.1 Saci-ave⁵

João Barbosa Rodrigues (1842-1909), engenheiro, naturalista e botânico brasileiro, afirma que, pela lenda do rio Solimões, localizado na região Norte do Brasil, o Saci é um mito “ornitomórfico e não andromórfico. Há Saci-ave. Não há Saci-moleque.”⁶

⁵ Toda a definição do personagem Saci como ave foram retiradas do livro *Geografia dos mitos brasileiros* e confirmadas nas respectivas obras citadas por Luís da Câmara Cascudo.

⁶ João Barbosa Rodrigues. *Poranduba amazonense*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. 1890.

O Saci estende, como pássaro, suas lendas desde a Argentina até o México. Segundo Câmara Cascudo, no Paraguai é o *Dromococcyx phasianellus*.⁷ Já segundo Robert Lehmann-Nitsche, na Argentina, é conhecido pelo nome Crispim (*Tapera naevia chochi*).⁸, conforme Fig. 1.



Fig. 1. *Tapera naevia chochi*, o Mati-taperê.

No mito do norte e nordeste brasileiro, o significativo Saci é dado a um pássaro chamado Mati-tapere – Matin-taperê, Matinta-Perera – (*Cuculus cayanus*). Especificamente na região amazônica, é dado a um pássaro chamado Fem fem (*Tapera navia*). Nas mesmas regiões, há quem diga que o Saci é o Curutie (*Sinallaxis cinnamomea*), o Alma de caboclo (*Diplopterus naevius*), Xicoa, Alma de gato ou Ating-ai (*Piaya cayana*) e Ticoa, Passara-paje, Passaro-feiticeiro ou uira-paje (*Cuculus cornutus*).⁹

Já José Veríssimo (1857-1916), escritor, educador e jornalista, em seu livro *A Amazônia*, cita as superstições do Pará e Amazonas, mas não fala em Saci, somente cita o Matin-taperê e a Juriti-pepena. Esta última é descrita como uma ave misteriosa, que “canta perto de vós e não vedes, que está talvez à vossa cabeceira e não sentis”, definição bem próxima àquelas feitas sobre o Saci-ave.¹⁰

⁷ Luis da Camara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olympio. 1976.

⁸ Robert Lehmann-Nitsche. *Mitos ornitológicos, las tres aves gritonas, el caraú, el crispín y el urutaú o cacuy*. Revista de la Universidad de Buenos Aires. 1928.

⁹ Luis da Camara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olympio. 1976.

¹⁰ José Veríssimo Dias de Matos. *A Amazônia (ensaio)*. 1892.

Na maioria das lendas tupis, o Saci também é pássaro. Distingue-se pelo canto, que consiste em duas sílabas: sa-cim. “Por encantamento, alguém pode se mudar em Saci e voar durante a noite, espalhando pavor. Pela madrugada, volta à forma humana (...)”, afirma Gonçalves Tocantins.¹¹

Já nos índios Mundurucus, segundo Ermano Stradelli, são os “feiticeiros e pajés que se transformam nesse pássaro para se transportarem de um lugar para outro e exercer suas vinganças.”¹²

Segundo Emilio Augusto Goeldi (1859-1917), brasileiro-suíço, naturalista e zoólogo afirma que o que caracteriza qualquer Saci-ave é o canto, facilmente identificável, porém não localizado: “ouve-se de longe, durante horas, o mesmo assobio característico; mas, seguindo-se este som, fica-se, sempre, ou muito longe ou muito perto, ou muito para a direita ou muito para a esquerda; em suma, cem vezes está a ave em cima e longe”.¹³ Lehmann-Nitsche ainda informa que todas as aves deste fabulário possuem “canto disperso e melancólico”.¹⁴

O mito do Saci se confundiu com muitos outros, especialmente de aves de canto disperso ou até como esse pássaro que tem o hábito de pousar numa perna só, dando a impressão de ser unípede.

Resumidamente, o mito é inicial e unicamente ornitológico.

¹¹ citado em Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. *Dicionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial. 1902.

¹² Ricardo Fontana. *A Amazônia de Ermano Stradelli*. Brasília: Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. 2006.

¹³ Emilio Augusto Goeldi. *Aves do Brazil*. Rio de Janeiro: Alves & Cia. 1894.

¹⁴ Robert Lehmann-Nitsche. *Mitos ornitológicos, las tres aves gritonas, el caraú, el crispín y el urutaú o cacuy*. Revista de la Universidad de Buenos Aires. 1928.

Câmara Cascudo ainda afirma que “é de notar que no sul do Brasil, o Saci-pererê como o moleque ágil, não retoma a forma de ave. Saci sulista não guarda o segredo do Matinta”.¹⁵

3.3.2 Saci-moleque

A lenda do Saci-moleque é restrita à região Sul do continente americano, incluindo Paraguai, Argentina e regiões Sul e Sudeste brasileiras.



Logotipo da Sociedade dos Observadores de Saci, feito pelo artista plástico Ohi

O Saci-moleque herdou a interrupção dos afazeres próprios para desmanchar nós feitos pelo ser-humano, além do direito de desnortear o viajante (nas repúblicas do Prata, ele possui também cabelos vermelhos) do Curupira,. Do Caapora, herdou assobio, surra nos cães, atraso nos negócios, pedido de fumo e proteção a pessoas favoritas, além da montaria eqüina, rédeas nas crinas dos cavalos e sua canseira. As crinas dos animais entrelaçadas pode ser vista também no personagem Fantastique, da região européia da Provença (França).¹⁶

De influência escrava-negra, o Saci como lenda era utilizado como protagonista de todo e qualquer problema criado pelos próprios escravos para os senhores da terra que fosse passível de punição. Também as travessuras do Saci são sempre ligadas à utensílios domésticos, sendo azedando o leite, ao estouro da pipoca. A cozinha era local de trabalho das amas negras da casa-grande e é delas que a história foi passada através da tradição oral. Excelentes

¹⁵ Luis da Camara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olympio. 1976.

contadoras de histórias, foram elas responsáveis pelo enegrecimento do Saci, que, na tradição tupi-guarani, ainda era avermelhado. São responsáveis, portanto, pela transformação do saci-indígena no saci-negro.¹⁷

O uso do fumo é bem brasileiro, já que foi o indígena que ensinou o colono a fumar aqui no Brasil. O Yací Yaterê paraguaio, uruguaio, argentino, não pede fumo e sim fogo ou alimentos. Nos contos africanos, é muito comum o pedido de fumo pelas entidades da região.¹⁸

Segundo Narciso R. Colmán (1878-1954), poeta paraguaio em língua guarani, o Yasí Tere é um homem de cabelos dourados, senhor das sextas, possuidor de uma varinha mágica (atributo europeu de fadas e duendes), protetor das feiticeiras e abelhas; ainda tinha a mania de roubar as pessoas com o intuito de levar a seu irmão canibal Aó-Aó.¹⁹

Na região argentina, Juan B. Ambrosetti afirma que ele é um anão louro, bonito, que anda com um chapéu de palha e leva um bastão de ouro na mão. Sua função é roubar as crianças e largá-las perdidas. O Yasí Yateré rapta também as “moças e o filho desse amor será igualmente um Yasí Yateré”. As crianças resgatadas sofrem ataques epiléticos no dia do aniversário do rapto.²⁰

Assim como na lenda brasileira, quem conseguir arrancar o bastão/varinha, poderá pedir qualquer coisa ao personagem que ele lhe concederá.

¹⁶ *Idem.*

¹⁷ Macia Camargos em depoimento ao filme *Somos todos Sacis*.

¹⁸ Luis da Camara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olympio. 1976.

¹⁹ Narciso R. Colman. *Flores silvestres*. 1917

²⁰ Juan B. Ambrosetti. *Supersticiones y Legendas-región Misionera-valles Calcchaquies-las*. Buenos Aires: Pingüino. 1947.

Várias tradições sul-americanas não mostram o Saci como aleijado, possuindo apenas uma perna, porém possuem em seu folclore regional a presença de seres unípedes e poderosos. Os Maias na Guatemala com Hurakan, os mexicanos veneram a Tezcatilpoca. A perna única do Saci Pererê é também recordação clássica do fabulário europeu, dos “seres estranhos como os Ciapodos, Monocoles e Trolls”.²¹ Na região Norte brasileira, a mitologia africana o transformou em um negrinho que perdeu a perna lutando capoeira ou então ele pode ter cortado a própria perna, por estar preso como escravo.

A carapuça vermelha, afirma Câmara Cascudo, no livro *Geografia dos mitos brasileiros*, “é a transformação da cabeleira rubra do Curupira”.²² Já no livro *Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore*, afirma que ela representa a libertação da escravidão, já que faz referência ao *pileus*, carapuça de forma “oblonga, de cor vermelha comumente e popularíssimo em Roma. (...) Era o legítimo e mais tradicional símbolo da liberdade”.²³ Segundo Leite de Vasconcelos, em Portugal existe a expressão “o de carapuça vermelha”, que é um dos nomes mais familiares do demônio. Este item é sempre visto como encantado e quem o arrebatou, será subornado pelo Saci, através de fortunas em dinheiro, para que este o recupere. O Fradinho-da-mão-furada, personagem típico do folclore português, também possui um “barrete encarnado na cabeça”.²⁴

²¹ Luis da Camara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olympio. 1976.

²² *Idem*.

²³ Cascudo, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

²⁴ José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo. *Tradições populares de Portugal*. Porto. 1882.

Já a mão furada, que aparece em vários depoimentos paulistas no livro *O saci-pererê: resultado de um inquérito*,²⁵ é apenas uma reminiscência do Pesadelo (espécie de Diabo com carapuça) e do Fradinho Da Mão Furada (duende caseiro que vive a fazer travessuras, além de possuir um vão no centro das mãos), ambos lendas portuguesas.²⁶

Sobre o nascimento dos sacis, descrito por Monteiro Lobato em sua obra infanto-juvenil *O Saci*²⁷, eles nasceriam nos seguimentos do bambu gigante chamado Taquaruçu, onde se desenvolveriam até que, estando plenamente e magicamente formados, incluindo o gorro e o pito, rompiam as hastes e ganhavam o mundo passando a freqüentar fazendas e vilarejos.

Ainda no livro *O Saci*, é descrito o poder de aparecer e desaparecer por encanto e a captura como sendo um procedimento difícil. Segundo Monteiro Lobato, a circunstância ideal para pegar um saci é em dias de ventania, quando aparecem redemoinhos de poeira e folhas secas. Produzir esses redemoinhos é uma das diversões dos sacis que, girando sobre a perna única, posicionam-se no centro da formação. Munido com uma peneira "cruzeta" (que tem duas faixas em cruz como reforço no bojo), uma garrafa de vidro bem escuro e uma rolha também marcada com uma cruz na parte superior, aproxima-se do redemoinho e lançando a peneira bem no meio, aprisiona o duende. Em seguida, introduz a boca da garrafa levantando minimamente a peneira: o saci, buscando a escuridão, refugia-se dentro da garrafa que, então,

²⁵ José Bento Monteiro Lobato. *O Sacy perere: resultado de um inquérito*. São Paulo: Gráfica JB S.A. 1918

²⁶ José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo. *Tradições populares de Portugal*. Porto. 1882.

²⁷ José Bento Monteiro Lobato. *O Saci*. São Paulo: Editora Globo. 2007.

deve ser rapidamente arrolhada. Lá permanecerá invisível, mais um truque para fazer com que pensem que conseguiu escapar. No entanto, em um dia de muito calor, quando o captor estiver imerso em profunda sonolência, ele se mostrará.

4. Monteiro Lobato

4.1 Biografia

Em 18 de abril de 1882, nasce o filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Recebe o nome de José Renato Monteiro Lobato, que por decisão própria modifica mais tarde para José Bento Monteiro Lobato desejando usar uma bengala do pai com as iniciais JBML.

Aos 18 anos entra para a Faculdade de Direito por imposição do avô, pois preferia a Escola Belas-Artes. Na época academia, teve bastante atuação em jornais e revistas internos das Arcadas (como era conhecida a faculdade).

Em 1906 é nomeado promotor público em Taubaté, interior de São Paulo. Com a morte de seu avô, Visconde de Tremembé, em 1911, herda a fazenda do Buquira e outras terras no Vale do Paraíba.

A geada e as dificuldades financeiras levam-no a vender a fazenda em 1917 e a transferir-se para São Paulo. Nesta época trabalha para o *Estadinho*, versão vespertina do jornal *O Estado de S. Paulo*, “escrevendo sempre que tinha algo a dizer, fosse uma idéia a transmitir ou uma causa pela qual combater” e para a *Revista do Brasil*, cuja proposta era nacionalista. Logo em seguida, 1918, se

torna dono da publicação e começa a editar seus livros para adultos. O primeiro livro auto-financiado que edita é *O sacy-pererê: resultado de um inquérito*. Palavras do próprio Lobato: “Começou editando a si próprio e acabou editando os outros”.

Funda em 1920, junto a Octalles Marcondes Ferreira a *Monteiro Lobato & Cia*. Para dar mais solidez à editora, envereda para o caminho mais lucrativo: o didático, de consumo obrigatório.

Lança um livro de leitura que foi adotado pelo governo: *A menina do narizinho arrebitado*, fechando uma tiragem de 50 mil exemplares.

Além disso, faz a mudança no padrão gráfico do livro, criando uma programação visual e tipografia elegante, revisão rigorosa e provas finais, além de importar máquinas impressoras e peças tipográficas para o Brasil. Antes de Lobato, os livros do Brasil eram impressos em Portugal: com ele, inicia-se o movimento editorial brasileiro

Publica muitos livros próprios, toda a saga de seus personagens nas aventuras do Sítio do pica-pau amarelo, além de publicar muitos intelectuais da época. Em 1922, publica *Os condenados*, de Oswald de Andrade, apesar de Lobato possuir restrições à matriz inspiradora de alguns articuladores da Semana de Arte Moderna, de 1922, uma vez que estes defendiam o desenraizamento cultural do país. Publica também muitas obras de Luís da Câmara Cascudo, folclorista e historiador brasileiro, de quem supõe intensa amizade.

Em 1931 volta dos Estados Unidos pregando a redenção do Brasil pela exploração do ferro e do petróleo. Foi perseguido, preso e criticado porque

teimava em dizer que no Brasil havia petróleo e que era preciso explorá-lo para dar ao seu povo um padrão de vida à altura de suas necessidades.

Morre em 4 de julho de 1948, vítima de derrame, em São Paulo. Está sepultado no cemitério da Consolação.²⁸

4.2 Qual Saci Lobato conhece

Possuidor de fazendas em Taubaté, interior do estado de São Paulo, José Bento Monteiro Lobato ouviu estórias dos caboclos sobre a entidade maléfica, que visível ou invisível, atormentava a vida de todos.

Descrente, Lobato conta ao amigo Godofredo Rangel, em carta, como certas pessoas pareciam interessar-se pela cultura nacional popular, particularmente pela figura do Saci. Sempre afirmou que criava Sacis em sua fazenda e, por isso, era sempre procurado por forasteiros que queriam saber mais detalhes. E ele, fingindo autoridade, inventava as mais inverossímeis histórias, das quais eles tomavam notas.

Nesta mesma carta afirma que nunca viu nenhum e diz: “desconfio que não existe”. Então pergunta sobre a forma do Saci em Minas Gerais. É respondido por Joaquim Correa, amigo de ambos, que jurava ter visto um e que “possuía olhos de fogo e duas pernas, embora andasse com uma só, aos pulinhos, como o tico-tico”.

²⁸ Biografia retirada do livro de Carmen Lucia Azevedo *et alli. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac. 1997.

Lobato diz que é impossível, já que a representação mental que ele possuía da figura folclórica era outra, baseada em relatos das negras na fazenda do pai. Diziam que o Saci era, na verdade,

“um moleque pretinho, de uma perna só, com pito aceso na boca, gorro na cabeça e olhos vermelhos, feito um beberrão, mais astuto e menos assustador de que muitas criaturas fantásticas, como o lobisomem ou a mula-sem-cabeça. Malicioso e zombeteiro, fazia antes molecagem que maldades.”

Por exemplo, no livro *A barca de Gleyre*, afirma que ele “Monta e dispara os cavalos à noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhe a crina” p. 128-129.²⁹

Através do personagem Tio Barnabé, no livro *O Saci*, Monteiro Lobato o define como sendo

“um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte: azeda o leite, quebra pontas das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando



Saci, desenho a nanquim de Monteiro Lobato. 1917.

²⁹ Carmen Lucia Azevedo et ali. *Monteiro Lobato: furacão na Botocundia*. São Paulo: Senac. 1997.

encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (...) Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa, vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo.”³⁰

5. O inquérito sobre o Saci

5.1 Como surge a idéia

Quando herda a fazenda do Buquira e outras terras no Vale do Paraíba, diz a Godofredo Rangel, amigo da época de faculdade, as seguintes palavras “Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milhos e porcos, e te dê a receita para acabar com o piolho das galinhas”. Tempos depois da experiência de fazendeiro, com muitas idéias e projetos literários na cabeça, afirma: “Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! (...) entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades”.

Logo em seguida, já morando na capital do estado e visitando o Jardim da Luz, região central da cidade, observa que o parque é decorado com esculturas de

³⁰ José Bento Monteiro Lobato. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense. 1994.

anões “trajados à moda alemã, tremendo de frio sob roupas grossas e pesadas”, retratando uma cultura importada e não a nacional.³¹

Dias depois, na *Revista do Brasil*, novembro de 1916, denuncia o imitativismo que impregna a mentalidade brasileira, contente em reproduzir, em todos os níveis, o modelo europeu, do qual se torna “cópia fajuta”, citando desde palavras estrangeiras nos cardápios (*chopps, grogs, cocktails, vermouths, sandwiches*) até o tema de filmes – projeções – exibidos na época.³²

O mesmo ponto de vista é defendido por Lobato nas páginas do *O Estado de São Paulo*, onde publica em 06 de janeiro de 1917 “A criação do estilo”, onde sugere que se incorporem elementos do folclore em cursos de arte, afinal “faunos, sátiros e bacantes (...) poderiam ser facilmente substituídos pelas nossas ninfas, como a lara”.³³

5.2 Mitologia brasílica

Em 28 de janeiro de 1917, a edição vespertina de *O Estado de São Paulo*, conhecida popularmente por *Estadinho*, sob o título “Mitologia brasílica”, anuncia: “O Estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou *enquête*, com diz o Trianon na sua meia-língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Saci.”

Sob formato de inquérito, até este momento nunca utilizada como forma de pesquisa e dito pelo próprio autor ser a forma “mais razoável” para “ventilar

³¹ Carmen Lucia Azevedo *et alii*. *Monteiro Lobato: furacão na Botocundia*. São Paulo: Senac. 1997.

³² José Bento Monteiro Lobato. “”. *In: O Estado de S. Paulo* (nov/1918).

uma criação puramente subjetiva”, ele afirma ainda que em inquérito, “todos falam, o estilo varia, o pitoresco aumenta e concorrem sobretudo os não-profissionais das letras”.

Partindo do pressuposto que o Saci varia de zona a zona, “conforme grau de medo que a natureza noturna inspira ao sertanejo”, ele convoca seus leitores a enviar para a redação do jornal histórias e relatos sobre o saci, esperando assim histórias pitorescas e inéditas sobre o duende genuinamente nacional.

“O *Estadinho* abre suas colunas para esta investigação e pede aos seus leitores um depoimento honesto:

1º) sobre a sua concepção pessoal do Saci: como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida etc.;

2º) qual a forma atual da crendice na zona em que reside;

3º) que histórias e casos interessantes, ‘passados ou ouídos’, sabe a respeito do Saci.”³⁴

5.3 “7 de setembro estético”

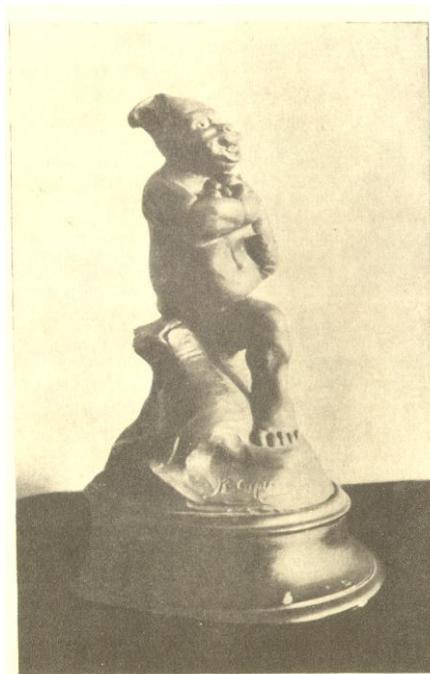
No manifesto “A criação do estilo”, publicada dias antes, em 6 de janeiro de 1917, Lobato também pede aos artistas a realizar o que chama de “nosso 7 de setembro estético”, emblematizado na representação plástica da imagem do saci, “satirozinho de grande pitoresco que ainda não penetrou nos domínios da

³³ José Bento Monteiro Lobato. “A criação do estilo”. In: *O Estado de S. Paulo* (06/01/1917).

³⁴ José Bento Monteiro Lobato. “Mitologia brasileira”. In: *O Estado de S. Paulo* (28/01/1917).

arte, embora já se cristalizasse na alma popular, estilizado ao sabor da imaginativa popular”.³⁵

No mesmo jornal, inspirado pelas palavras de Lobato, o botânico Manequinho Lopes decide estampar uma foto de uma escultura do saci feita com barro de Poá, o primeiro exemplar moldado. A ilustração acompanhava matéria chamando a atenção para o potencial plástico daquele sugestivo vulto do lendário popular, a seu ver uma “nota de originalidade brasilica tão valiosa quando o maxixe na coreografia, a muqueca na culinária, o péu-péu nos dias de hino, a modinha na música, o desafio na poesia, o marechal Pires Ferreira na política”.³⁶



Saci em barro. Manuel (Manequinho) Lopes. 1917.

O editor reclamou do desperdício de papel e tinta com “aquela grosseira superstição popular, dessas que depõem contra os nossos créditos de civilizados perante as nações estrangeiras”. Foi o primeiro saci a ilustrar as letras brasileiras.

Dois meses após o início do inquérito, o jornal abre um concurso oficial para artistas plásticos desenvolverem trabalhos inspirados na sua lenda. Lobato sabe da dificuldade do desafio e alerta em novembro de 1917:

³⁵ *Idem*. “A criação do estilo”. In: *O Estado de S. Paulo* (06/01/1917).

³⁶ *Idem*.

“Fixar um tipo puramente subjetivo, de formas instáveis, cheio de variantes, existente apenas na imaginação do sertanejo, é tarefa que requer do artista um bocado mais de talento do que o preciso para broxar um melão (...) ou copiar os fundos da Tabatinguera, tema dileto de nossos paisagistas que enebriam-se ali com uns toques de Veneza muito sedutores”.³⁷

5.4 O resultado

5.4.1 Depoimentos

Chegaram à redação do jornal muitas cartas de Minas Gerais, do Estado do Rio e, sobretudo, das diversas regiões paulistas. Se o estilo e a abordagem das respostas variavam, elas conservavam, em comum, o mesmo tipo de fonte para explicar as origens do mito: o Saci era fruto do relato de negros – alguns dos quais ex-escravos – empregados em fazendas dos pais ou avós dos leitores.

Personificou-se a figura mágica do negrinho, assentando características sobre sua origem, estatura e diabruras. “Negrinho como azeviche, magrinho, bi-perne, cabelo encarapinhado, carapuça vermelha, beiços e olhos vermelhos como pitanga, tinha unhas compridas. Alguns acrescentam barba, casco e rabo de bode. De baixa estatura, o diabinho ostentava um riso estridente.”³⁸

³⁷ José Bento Monteiro Lobato. *In: O Estado de S. Paulo*. (Nov/1917).

³⁸ Texto de Thiago Fragata. *Monteiro Lobato, o folclorista*. www.overmundo.com.br. Acessado em 06/11/2008.

Restrito à zona rural, o personagem gostava de dançar e fazer diabruras, divertindo-se enquanto praticava traquinagens: “É vivo, esperto, na estrada, assobia, guincha, pula, solta estranha gargalhada que dói até na medula...”³⁹

Os depoimentos descrevem um único personagem, aquele que gora ninhadas, queima balões, come o piruá da pipoca, rouba espigas e quebra os pés de milho, bebe o conteúdo de barris de vinho ou de refresco, deixa as porteiras abertas e fuma o pito das pretas velhas. Brejeiro, cheio de artifícios, capturá-lo não consistia em tarefa das mais fáceis. Sua estirpe africana, enfatizada, permeia quase todos os depoimentos.⁴⁰

Fácil perceber que, se as cartas recebidas foram de uma única região (Minas Gerais, São Paulo e Estado do Rio), o Saci descrito é de apenas um tipo: o saci-moleque. Não há nenhuma referência ao saci-ave, a não ser pelo canto nas estradas, mas que é apropriado pelo próprio moleque.

5.4.2 Ilustrações

Com uma comissão julgadora composta por Amadeu Amaral, J. Washt Rodrigues e Monteiro Lobato, inaugura-se uma exposição com poucas obras: pinturas e esculturas de Celso Mendes, Joab de Castro e Anita Malfatti, por exemplo.

³⁹ José Bento Monteiro Lobato. *O Sacy Perere: resultado de um inquérito*. São Paulo: Gráfica JB S.A. 1918.

⁴⁰ *Idem*.

Roberto Cipicchia venceu com a obra “Saci na cavalhada”, que, segundo Lobato, teve “interpretação romântica, muito sensata e harmoniosa”.

Apesar de ficarem de fora os grandes



Sacy na cavalhada, de Roberto Cipicchia. 1917.

nomes das belas artes da época, a mostra ganhou uma repercussão que,

aliada ao sucesso do inquérito, levaria Lobato, algum tempo depois, ao transformar os depoimentos em livro, trazia ainda fotos de algumas das peças expostas.

Os artistas que se propuseram a retratar o Saci também são propícios da região Sul e Sudeste brasileira, portanto somente há representações do Saci-moleque, nenhuma ilustração acerca do Saci-ave.

6. O livro

6.1 A transformação em livro

Acreditando tratar-se de produto popular e de boa vendagem, Lobato edita o inquérito com cerca de 300 páginas uma tiragem inicial de 2 mil exemplares, “de modo que minha estréia literária será uma livro não-assinado e feito com material dos outros”. É por esse motivo que o próprio autor não incluiu este livro em suas obras completas, editada em 1945 pela Editora Brasiliense.

Afirma ainda que

“Meu saci está pronto, isto é, composto. Falta só a impressão. Meto-me livro a dentro a corcovear como burro bravo em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo; em tudo com o maior desplante e topete do mundo”

Nas páginas iniciais e nas finais do livro há propagandas de produtos da época – máquina de escrever Remington, chocolate Lacta, Cigarros Castellões, de artigos fotográficos Casa Stolze (nas páginas iniciais) e Casa Freire (de louças e objetos de arte), chocolate Falchi e drogaria Bráulio's (nas finais) – que provavelmente ajudaram a custear edição tão ousada. Cada uma delas ocupa uma página inteira, é branca-e-preta e sempre possui a figura do Saci interagindo com a marca.



Propaganda do chocolate Lacta (começo do livro)



Propaganda do chocolate Falchi (final do livro)

Interessante notar que, por possuir duas propagandas de chocolate (Lacta e Falchi), colocou a primeira no início do livro e a segunda no final, demonstrando uma preocupação mercadológica do autor.

Esse livro de Monteiro Lobato tornou-se fonte básica de pesquisa. Foi alvo de Luis da Câmara Cascudo, principal estudioso do folclore brasileiro, quando ampliou as informações sobre a origem, abrangência e assimilação do Saci, no livro *Geografia dos mitos brasileiros*. Como Lobato abordou tão bem o Saci-moleque, Câmara Cascudo se detém mais a descrever o Saci-ave no livro *Geografia dos mitos brasileiros*. As concepções do Saci-moleque, por ele

descritos, são inteiramente do livro de Monteiro Lobato, como se uma obra complementasse a outra.

6.2 Os comentários de Lobato

Foram mais de 70 depoimentos escolhidos para integrar o livro *Sacy-perere: resultado de um inquérito*. Apresentações, feitos pelo próprio Lobato, em tom introdutório, permeiam a maior parte deles. Alguns possuem comentários no final do texto. Outros apresentam partituras de músicas, como referência ao som emitido por um Saci.

Até hoje, há dúvidas sobre se, de fato, ele não teria escrito muitos dos relatos atribuídos a terceiros. No meio dos relatos, existe um do próprio Saci, em primeira pessoa. É bem provável que tenha sido Lobato a escrever, mas não há como saber, nem pela comparação estilística nem pelos manuscritos impressos, que já não existem. Se é que existiram.

7. A reedição da Editora Globo

A Editora Globo, em 2007, adquire, depois de longa disputa judicial, o direito de publicação da obra de Monteiro Lobato, incluindo *O Sacy-perê: resultado de um inquérito*.

Inserida numa coleção adulta contendo toda a obra adulta de



Capa do livro da Editora Globo (2008)

Monteiro Lobato, possui uma identidade visual relativa ao resto da coleção, modificando somente o título e a cor da capa.

Foi feita nesta edição uma atualização vocabular e gramatical. O primeiro ponto a ser observado é o próprio nome da obra. Antes era grafado *Sacy perêrê* e agora *Saci-pererê* com hífen e sem o y.



Detalhe da capa do livro da edição de Monteiro Lobato. Washt Rodrigues. 1918.

A capa também perdeu a ilustração de Washt Rodrigues, a qual se encontra no interior da nova obra, a título de curiosidade.

Todas as imagens foram mantidas, menos aquelas relativas ao patrocínio da obra original, isto é, as imagens do

Saci interagindo com marcas da época. As imagens impressas estão contínuas com o texto, isto é, não possuem, por exemplo, uma página inteira, ou até dupla, dedicada à elas. Não há nenhuma inversão no formato das imagens, como existe na edição de Monteiro Lobato: todas estão na horizontal, portanto não há necessidade de virar o livro para melhor apreciá-las.

A impressão da edição de Lobato é feita em fotocomposição e a da Editora Globo em fotodigital, o que muito acentuou a definição das imagens.

Antes do texto propriamente dito, há, nesta edição, a biografia de Monteiro Lobato e um texto intitulado “Um símbolo de resistência”, de Márcia Camargos, sobre a história da composição do livro.

A intenção da Editora Globo é lançar toda a coleção da obra adulta de Lobato dividida em:

- Contos: *Urupês, Cidades mortas, Negrinha e O macaco que se fez homem.*
- Romance: *O presidente negro.*
- Jornalismo e crítica: *O Saci-pererê: resultado de um inquérito, Idéias de Jeca Tatu, A onda verde, Mr. Slang e o Brasil, Na antevéspera, Críticas e outras notas.*
- Escritos da juventude: *Literatura do Minarete e Mundo da lua.*
- Cruzadas e campanhas: *Problema vital, Jeca Tatu, Zé Brasil, Ferro, Voto secreto, O escândalo do petróleo, Georgismo e comunismo e O imposto único.*
- Esparsos: *Fragmentos, Opiniões, Miscelânea, Prefácios e entrevistas, Conferências, artigos e crônicas.*
- Impressões de viagem: *América.*
- Correspondência: *A barca de Gleyre: volumes 1 e 2, Cartas escolhidas: volumes 1 e 2 e Cartas de amor.*

8. A contemporaneidade do Saci

Sendo este mito símbolo da cultura brasileira, a relevância para o debate em torno da sua figura se faz pela motivação de pensar e redescobrir o Brasil.

Sendo o Saci uma figura genuinamente nacional, pela sua origem e influências regionalizadas, é partindo deste ponto que é discutido uma identidade nacional brasileira.

O lançamento desta nova edição do livro *O Sacy perêê: resultado de um inquérito*, em 2008, 90 anos depois da primeira edição, é um dos traços da contemporaneidade do tema.

Existe também duas associações atuais que cuidam da valorização da cultura nacional através do Saci: a Sociedade dos Observadores de Saci (SOSaci) e a Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCSaci).

Essas duas associações promovem ações, festas, eventos, reuniões, debates e mesas-redondas, todas com mesmo tema: o saci e a busca da identidade nacional. A associação é gratuita, feita através de seus respectivos *sites* e aceitam doações, mas elas não são obrigatórias. Vendem camisetas, agendas, adesivos, CDs, chaveiros, *bottoms* e cartões.

A SOSaci, criada em julho de 2003, com sede em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, tendo como presidente e fundador o economista e “saciólogo” Mário Cândido da Silva Filho, publicou em seu site o “Manifesto do Saci”:

“Criada em São Luiz do Paraitinga, a SOSaci é uma ONC (Organização Não-Capitalista) que reúne os interessados em valorizar e difundir a tradição oral, a cultura popular e infantil, os mitos e as lendas brasileiras. Seus integrantes acreditam no Saci, na

lara, no Boto, no Curupira, na Cuca, no Boitatá e nos demais entes do folclore nacional.”

Manifesto do Saci. 07 de setembro de 2003.

Publicou também, no mesmo ano, o “Manifesto antropofágico revisitado”, onde faz um paralelo com o “Manifesto antropofágico”, de Oswald de Andrade, que o fez tentando resgatar a cultura e identidade nacionais:

“O saci resgata nossa identidade, nossas raízes, o xis da questão tupi. (...) Estamos fatigados de todos os colonialismos travestidos de drama roliudiano. O cinema americano devorando corações e mentes. Demente. No país onde dá status ter casa em Miami e comprar em sales com 20% off. Estacionar no valet parking e pedir comida delivery. Por isso fazemos eco ao brado oswaldiano, contra todos os importadores da consciência enlatada.”

Manifesto antropofágico revisitado. 31 de outubro de 2003.

Já José Oswaldo de Guimarães preside a Associação Nacional dos Criadores de Saci, com sede em Botucatu, também interior do estado de São Paulo, afirma que criar sacis significa divulgar os “causos” e atuar para manter tradições como esta acesa: “Mais do que criar o saci na mata, queremos criá-lo na imaginação das pessoas”.

É também o que fez Rudá Andrade, neto de Oswald de Andrade, no documentário *Somos todos sacys*, lançado em 2005: partindo de depoimentos sobre a figura do Saci, o filme reflete sobre a cultura oral que é capaz de

evidenciar a peculiaridade e a multiplicidade das questões culturais, sociais e históricas. A maior inspiração para este livro, além de seu avô e sua luta constante por uma identidade unicamente brasileira, foi o livro *O Sacy perêrê: resultado de um inquérito*.

Rudá Andrade, Oswaldo de Guimarães e Mário Cândido da Silva Filho também lutam por duas causas mais práticas: a implementação da lei Dia do Sacy, projeto de Lei Federal Nº 2.763, de 2003, elaborado pelo então líder do governo Aldo Rebelo e Ângela Guadagnin, ainda não aprovado. Este projeto prevê a extinção do “Dia das Bruxas”, ou “Halloween”, originário do folclore nórdico e exportado para os Estados Unidos da América e a criação do “Dia Nacional do Sacy e seus amigos”, que seria comemorado no mesmo dia 31 de outubro. No dia 30 de outubro de 2008 foi arquivado o processo federal. Porém já existem cidades com leis municipais que já instituíram o 31 de outubro como o dia do sacy: São Luiz do Paraitinga, São Paulo, São José do Rio Preto e Vitória, no estado de São Paulo. Há projetos de lei em Sorocaba, Curitiba e Juiz de Fora.

Com curadoria de Oiram Antonini, neste mesmo ano, em abril, foi feita uma exposição intitulada “As ilustrações do Sacy na obra de Monteiro Lobato”, onde foram expostas criações, para diferentes livros de Lobato, de vários ilustradores: Voltolino, J.U. Campos, André Lê Blanc, Paulo Ernesto Nesti; Manoel Victor Filho; Odiléia e Helena Setti Toscano, entre outros que desenharam este ilustre personagem pertencente ao imaginário popular.



Voltolino. 1920.

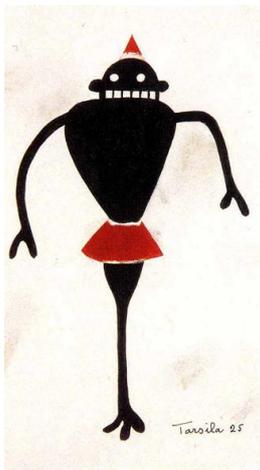


André Le Blanc.
1946



J.U.Campos. 1941

Na época, alguns ilustradores fizeram representações do Saci, mas não para a obra de Lobato:



Tarsila do Amaral.
1925.



Nelson Boeira Faedrighs
1939.



Ziraldo 1960.

E até hoje existem artistas plásticos representando o Saci:



José Luiz Ohi. 2007.



Paulo Borges. 2007.



Marcus Cartum. 2005.

O saci foi adotado como mascote do time de futebol brasileiro Sport Club Internacional, do Rio Grande do Sul. É mascote também dos Social Futebol Clube, time de futebol do interior de Minas Gerais e do Sergipe Futebol Clube de Sergipe.

A Copa do Mundo de 2014 será disputada no Brasil e há, atualmente, uma discussão sobre quem seria o mascote para representar o país. Existe um pedido, feito pela SOSaci, enviado à Comissão Brasileira de Futebol (CBF), para que seja o Saci. Seria uma excelente oportunidade não só para resgatar esse personagem que está um pouco perdido na oralidade das pessoas com mais experiência como também para a divulgação e exportação de um mito genuinamente nacional.

9. Conclusão

O Saci, como mostrado até agora, é emblemático na história do resgate da cultura mítica e folclórica brasileira. Primeiramente, resgatado através do livro *O Sacy perêê: resultado de um inquérito*, de Monteiro Lobato, que aborda somente o Saci-moleque. Anos depois, baseado em sua obra, Câmara Cascudo complementa a pesquisa apresentando o Saci-ave, com algumas características diferentes do primeiro.

Os artistas que se dispuseram a representar o Saci somente fizeram a partir do Saci-moleque, e é assim até hoje. Não há nenhum registro do Saci-ave. Provavelmente pela geografia em que se encontravam e pela concepção de saci que receberam.

Nota-se que o personagem Saci não ficou restrito a uma determinada época nem a uma determinada região. Até hoje ele é cultivado e lembrado através de livros, contadores de histórias, associações, filmes, ilustrações, festas, comemorações, discussões por todos aqueles que querem possuem a intenção de resgatar e/ou criar uma identidade única brasileira.

Consideramos essa pesquisa uma abordagem inicial sobre as duas concepções da figura folclórica Saci presentes em diferentes regiões brasileiras. Há nela uma preocupação em identificar uma identidade brasileira através deste personagem.

Existem muitas discussões, estudos e pesquisas sobre a obra de Monteiro Lobato por ela continuar contemporânea através dos pontos que levanta sobre a brasilidade de temas, como, por exemplo, folclore, política e sociedade.

10. Bibliografia

Livros

AMBROSETTI, JUAN B. *Supersticiones y Legendas-región Misionera-valles Calchahuies-las*. Buenos Aires: Pingüino. 1947.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de *et alli*. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: ED. Senac/SP, 1997.

BARRETO, Lima. *Obra completa*. São Paulo: Brasiliense. 1956.

BIBLIOTECA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Carta ao folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Mec/Fename, 1951.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial. 1902.

CAVALHEIRO, Edgar. "Vida e obra de Monteiro Lobato". In: *Urupês*. 14º ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore*. Rio de Janeiro: Funarte. 1983.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: INL. 1972.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1976.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Lendas brasileiras*. São Paulo: Global Editora, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Edusp, 1995.

- COLMAN, Narciso R. *Flores silvestres*. São Paulo: SE. 1917.
- DUMEZIL, Georges. *Do mito ao romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRAGATA, Thiago. *Monteiro Lobato, o folclorista*. www.overmundo.com.br.
Acessado em 06/11/2008.
- GOELDI, Emilio Augusto. *Aves do Brazil*. Rio de Janeiro: Alves & Cia. 1894.
- LIMA, Cláudia. *História do folclore*. Secretaria de turismo, 1997.
- LEHMANN-NITSCHKE, Robert. *Mitos ornitológicos, las tres aves gritonas, el caraú, el crispín y el urutaú o cacuy*. Revista de la Universidad de Buenos Aires. 1928.
- LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo (década de vinte)*. São Paulo, IEB/USP, 1985.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *O saci*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1994.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito*. Gráfica JB S.A., São Paulo, 1918.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. Globo, São Paulo, 2008
- LOBATO, José Bento Monteiro. *O Estado de S. Paulo* (nov/1918).
- LOBATO, José Bento Monteiro. "A criação do estilo". *In: O Estado de S. Paulo* (06/01/1917).
- LOBATO, José Bento Monteiro. "Mitologia brasílica". *In: O Estado de S. Paulo* (28/01/1917).
- MATOS, José Veríssimo Dias de. *A Amazônia (ensaio)*. São Paulo: SE. 1892.

MELO, José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de. *Tradições populares de Portugal*. Porto. 1882.

QUEIROZ, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o saci*. São Paulo, Polis, 1987.

RODRIGUES, João Barbosa. *Poranduba amazonense*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. 1890.

ROMERO, Silvio. *Contos Populares do Brasil*. São Paulo: Edusp. 1985.

VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: Portugalmundo, 1994.

Filmes

Somos todos Sacys. Rudá K. Andrade, Sylvio do Amaral Rocha. Brasil, 2005, cor, 55min, livre, documentário. DVD.

Furacão na Botocúndia. Roberto Elisabetsky. Brasil, 1998, cor, 50min, documentário. DVD.

O Saci. Rodolfo Nanni. Brasil, 1953, cor, 64min, livre. VHS.

Sites

<<http://www.ancsaci.com.br/>>

<http://www6.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobato/0004>

<<http://www.projetomemoria.art.br/>>

<<http://www.sosaci.org/>>

<<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>>